

TNSJ TEATRO
NACIONAL
SÃO JOÃO
PORTO



Em propósito do espetáculo

Despertar da Primavera, uma Tragédia Kinder é coisa grafada by Frank Wedekind ia o ano de 1891 e é a propósito de um grupo de teenagers em conflito com uma sociedade mantenedora e moralística. O doc de Wedekind fina com uma palestra entre dois vivos e um óbito, em terreno de cemitério, à beira da campa de Wendla Bergmann, infanta de um dois três catorze anos que quinou porque vítima de abortamento ao que foi forçada pela mater sua. O seu lover, responsável pelo embuxamento, Melchior Gabor é o nome, em visita à campa cruza-se então com o seu best friend também já ido, Herr Moritz Stiefel, que aporta a cápitais debaixo do braço. Moritz autoquinou-se aos porque de ano não passou na escola e não se sentia em capacidade de enfrentar paters carruscos. Vai daí vem oferecer a pata sua a Melchior em convite para que com ele ir ao subterrestre, pero Melchior abraça a pata de um outro, a que se dá nome de “Herr Mascarado”, figura primavera e carnaval, que tipo ex-machina assoma e impede mais uma morte, e que, na première, foi representada por Wedekind ele mêmê. Esta imagem final possui bastos dos motifs queridos pela traditio interpretativa do doc: a crueldade e a Liebe inter pares, a intolerância geracionalis, o suicídio, o conservadorismo socialis, a opressio da normalitas, etc.

Seguindo invitação do Centro Cultural de Belém, o Teatro Praga a braços vê-se com clássico da literatura dramática elegendo como pasto a inscriptio, num texto e teatro canónicos, dos que por hábito são excetuados da lógica e esquema representativos com ca traditio teatralis costume tem de tratar questa peça. *Despertar da Primavera* é aos por isso, e prima de tutti, um show do Teatro Praga adonde se tem pretensão de idear sobre o expressionismo lírico de uma mocidade disdisforme tal como toda a vita, com uso de uma language que se aparta de bipartitios entre cínicos et sinceros, poéticos et racionalis, adultos et infantes, homens et mulheres. Sem se deixar capturar por uma posição de ai é confronto ou ai é contestação, sem embarcar num palranço de antagonismo disruptivis, navega-se por uma cor pink, em rito carnavalesco, pera declarar identidades voantes e adoráveis.

A preferência é por volatear sobre o que construído está como se o hábito népia nos competisse e se micasse ele como chose estrangeira. Trata-se aos pois da experiência de supônhamos uma língua, a que se continua a chamar nostra, ca qual nos entendemos, pero que se deixa infetar por um big espectro de utilizações, como se infinita e a escapar em permanência a um dicionário e gramática que a filem.

Despertar da Primavera empurra a pubescência para longe da Natura, longe longe da sujeição de um body a outro, longe longe da construção de identidades um, em gestus emancipatório que é por não às normalizações tradicionais e sim à coexistio de languages e ao babel de referências.

Em propósito da tradução

Em casos muitos discute-se se tradução é para ser mais fidel a originalis ou se deve torcer a modos de encaixar na língua que traduz. As posições ambas partem aos porém da ideia de que há duas línguas, uma + uma, y que o trilho de uma a altra se debuxa em reta linha.

Esta tradução não brota de ideia tal, pero de que língua há muita, mesmo que só com nome um. Ou seja, é português lusitano o destino do doc deutsch de Wedekind, mas o que é isso está em aberto. Faz-se donc uso de gramática e vocábulo recognescíveis, mixando tempos, geos, origens e por fora aí, esfocinhando-se por tirar tapete de norma, o que é idêntico a intentar ilimitar e dar força à variedade. Em não havendo linha, não se sabe adonde vai aportar a frase que vem após, e assi, ao menos, vive-se menos previsível, move-se o peso de conhecimentos sabidos e queda-se mais leve leve. Népia más que questo. É só apenas poder e aos porque poder assi, crê-se, mais bom é. Com bom, entenda-se livre.

Teatro Praga

Speakers' Corner



Uma hora certa para whatever. Tens 3 meses. O primeiro rascunho, mesmo longo, não pode demorar mais de 3 meses, o tempo de uma estação. Acordemos então. Get down on it. Apressa-te a escrever o que digo em voz alta, alta.

“É preciso despertar: a primavera não existe. Qualquer sazonalidade, qualquer retorno, qualquer repetição corre o risco de nos trazer de volta para a ideia de cultura enquanto norma, costume, gênero, geração, fronteira. É preciso portanto ‘hackear’ a *Primavera*, enfatizar as passagens e as traduções. O espetáculo do Teatro Praga traz-nos essa possibilidade: traduzir o drama burguês estático da sexualidade em Wedekind para a escala cromática e esquiva do voguing e do queer.” [Rita Natálio]

Material existente. Every translation is a case of negotiation [Umberto Eco]. Esta saiu furada. Mas eu safei guest.

“O que retive [...] foi a maravilhosa tradução, o trabalho exímio da língua portuguesa.

Num tempo de comunicação por abreviaturas e vocabulário diminuto, assistir a um texto rico e de amplo espectro foi um prazer e uma bênção, um ato de resistência contra a ignorância. Inolvidável também a cena da violação e do aborto, representadas com uma energia e contenção de meios admiráveis.” [Isabel Carlos]

Boxes, escadas e outras plataformas elevadas. Small step ladders. Voz projetor. De pé, a generation gap vê-se mal ao longe e bem de binóculos. Ele, nos dias de hoje jovem, espera ainda ir a tempo:

“Tenho realmente esta pergunta: uma tragédia é uma tragédia porque algo de muito belo (liberdade inocente?) acaba? Se sim, resta...? As repercussões do que era ela e isso talvez chegue para a recuperar na sua materialidade em sangue e vontade (sinónimos?). How do you do that? Talvez unificando os três tempos num só: alguma música clássica, a narrativa original e a malta antiga (lol) da Praga (past freedom), alguma música dos 00s, a tradução e os

novos intérpretes (future freedom) no agora (teatro = presente freedom). É sacrificial. A música dessacralizada, a linguagem transformada, velhxs ridicularizados, jovens a sê-lo, morte. Um sacrifício unificador que cria o NEW. Maybe that’s a new freedom possibility. So... W(h)EN? Now. Because we’re so tired of being here, suppressed by childish fears. (sorry, i always get scientific!)” [Isac Graça]

“É crucial reconhecemos que a noção de humano apenas se constrói com o tempo e num processo de tradução cultural em que não se trata de uma tradução entre duas línguas que ficam fechadas em si próprias, distintas, unificadas. Trata-se sim do facto de a tradução impelir cada uma das línguas a mudar para que possa apreender a outra.” [Judith Butler] You won’t believe what happened next.

“Os atores não representam mas às vezes vivem em sítios chamados teatros. Nós vemo-los lá a mexerem-se: a modos que a tresviverem. Falar não é repetir palavras;

é transfalar com as línguas e os restos das bocas e cabeças. Será que em nós desperta alguma coisa?” [Alexandre Melo]

A inteligibilidade entre línguas pode ser assimétrica, quando o falante de um idioma entende os falantes de outro, mas sem que ocorra o inverso. É quando ela é relativamente simétrica que é caracterizada como “mútua”. [WWW]

Aí vai ele. O primeiro está um bocado idiota e o segundo demasiado formal, mas estou tão cansada que não dá para mais. Amanhã ainda releio e se for a tempo tento melhorar a coisa... Thank you so much, ambos funny e bons por motivos diferentes – posso usar bocados dos dois? Eh eh.

“Aqui aprende-se uma língua nova que contraria a norma, mas se relaciona com ela ao transpor a peça homónima de Wedekind para uma linguagem que funde a língua portuguesa nos seus vários tempos históricos, nas suas geografias (através da referência a regionalismos), nas diferentes tradições literárias (de Gil Vicente a Camilo Castelo Branco e Nuno Bragança), e usando ainda linguagem oral (recorrendo a expressões típicas de adolescentes) e a outras línguas (como inglês, castelhano ou francês). A tradução é ainda autorreferencial, citando o trabalho do Teatro Praga e a obra de José Maria Vieira Mendes. O texto final é compreendido por falantes de português, que identificam a brincadeira realizada com as várias tradições de linguagem evocadas, o que indica que, apesar de o texto não seguir a norma, funciona na sua relação com ela (um exercício que não resultaria, por exemplo, se o texto fosse transposto para outra língua).” [Maria Sequeira Mendes]

“Em um dois três minutos roupei-me pera a *Primavera* e alei pera apreciar a língua mater vicentina por sob a do pater Camilo Castelo Branco e a do pater Nuno Bragança, por sob a peça do Wedekind e a nolição de não trovar nas palavras dos crianças muita sabedoria, mas apreciar de quedar no teatro antes de alar para o UK para reflexionar e a cápitais palestrar ou de me quinar pera aqui ou pera ali a dizer Mein Gott.” [Maria Sequeira Mendes]

O que tiraste do espetáculo? Não o que ficou, o que se reteve, o que se pensou,

o que suscitou, mas o que se tirou. Alô! Desculpa a demora, ando a ter dias cheios, ufa... Aqui segue o texto! 140 palavras redondinhas, segundo o contador do word.

“Esta peça tocou-me particularmente na sua exploração da linguagem enquanto terreno de intersecções. Vibro sempre imenso com explorações atípicas do uso da linguagem. Aprendemos na escolaridade formal uma utilização prescritiva da linguagem e dos seus componentes, mas coisas lindas acontecem quando quebramos essas regras de utilização (como, de resto, coisas lindas tendem a acontecer quando quebramos regras, em geral). Esta experimentação, que manteve alguns acordos comuns (suficientes à percepção da base articulativa) mas re/des/dobrou outros, foi o que o Praga fez aqui. O uso do neologismo, do estrangeirismo (ou empréstimo, mas eu evito ficar a dever), das cadências pop em formulações arcaicas... Enfim, linda junção anacrónica de referências. Desta peça (cujo guião amei particularmente) tirei liberdade, vi legitimada a adolescência tardia que vivo. Tirei isso, e tirei também que ainda é essencial o planeamento familiar (mas isso já eu sabia).” [Alice Azevedo]

Até ao final da semana mando algo. Aqui vai a versão edited (120 palavras certas whaaaaat?!!!):

“Quando as nossas mãos nos dão à luz, nascemos nós e o nosso medo” (André e. Teodósio, 2014). Neste espetáculo, a velha e a nova guarda misturam-se para criar uma muralha invisível contra os medos que existem a crescer. E crescer com a Praga é viver num Rumspringa constante. “Praga” ao contrário é “Agarp”, que não quer dizer nada, mas dito muito rápido soa-me a “Time Warp”, que é uma das minhas músicas preferidas e “uma alteração hipotética no contínuo espaço-temporal” (Wikipédia). A Praga move-se num tempo e espaço inventados por eles e partilhados com quem quiser criar (e falar) uma linguagem verbal e visual para lá do normativo. *Despertar da Primavera* é aquele farol no palácio do Frankenstein.” [Patrícia Azevedo da Silva]

Isto é tudo semântica. I Am Learning Inglês. Mandeí sem cortar. Isso foi o que escrevi. Tem mt mais do que pede.

“A tradução que o José Maria Vieira Mendes fez é tão notável mas tão notável que temo que me tenham escapado, aliás, sei que me escaparam, algumas das inúmeras camadas de gozo linguístico que ali estão. Latim, português vicentino, português contemporâneo, alemão, francês, castelhano, inglês, suburbano, skater, burguês, infantil, acriançado, adolescente, uma mistura que só vendo e que funciona maravilhosamente. Depois, o espetáculo da Praga faz o resto, e faz por nós, espectadores, o trabalho de acrescentar sentido àquela tradução – já de si um tratado sobre ‘a língua’. E há vários atores notáveis, e há uma cena de uma beleza alegre que a mim me comoveu – justamente uma cena de amor entre duas raparigas. Voilà. Vá saber. Tenho agora o problema de não poder ir ver outra vez mas calhando vou atrás deles pela província (palavra que não aparece ali mas poderia, poderia).” [Fernanda Mira Barros]

Só consegui agora. Dias demasiado cheios. Segue. Obrigada.

“[...] o texto é atravessado pela ideia da infinita possibilidade do Tudo naqueles que chegam à vida e nela se desejam estrear sem limites ou culpa. A tradução de José Maria Vieira Mendes recria linguisticamente esse desejo, possibilidade e consequente anarquia, inventando uma interlíngua, uma translíngua que se transforma num tsunami verbal nos planos sincrónico e diacrónico. Há um momento em que desistimos de procurar identificar o idioma, a variedade social, regional, a gíria, o jargão e somos obrigados a deixar-nos ir pela intuição. Desordem e agramaticalidade morfológica e sintática, semântica hipercriativa, estrangeirismos aportuguesados, a invenção de um crioulo partindo das línguas românicas e germânicas. Vale tudo, como numa longa viagem numa carruagem de comboio partilhada por pessoas de culturas, línguas, idades, tempos e culturas diferentes na qual a comunicação só acontece porque se colam saberes, se encaixam e completam em formato puzzle, esquecidas todas as regras. Esquecer as normas é a chave.” [Isabela Figueiredo]

Bem sentadx? Então vou começar. Era uma vez um grupo de malta, só malta, que vivia num vale. Eram agricultores? Ó yeah

eram agricultores, eram grandes, grandes agricultores de espinafres. Oooooh eram fortes. Muito fortes. E lá viviam e cultivavam os seus espinafres, e educavam as suas crianças e falavam como falavam. Todas as segundas-feiras, montavam um mercado num cruzamento com outras pessoas do vale vizinho. Produtores de leite? Sim, produtores de leite. E a malta dos espinafres e a malta do leite juntava-se, e embora falassem de maneira um pouco diferente, percebiam-se bem uns aos outros, e tudo corria às mil maravilhas no vale. E depois, um dia, uma malta apareceu vinda de uma cidade longe, porque ouviram rumores sobre este condado de espinafres e queijo, todo orgânico e sem ser pasteurizado. Oh, não, já estou a ver o que aí vem. Não, não, não era assim tão mau, pelo menos no início. A malta da cidade veio, tinha um jeito esquisito de falar, mas lá arranjou

maneira de entender o suficiente para comprar os espinafres, o leite e o queijo. E lá foram de volta para a cidade todos satisfeitos. Já sabia que isto não ia correr bem. Espera, então eles voltaram mas desta vez trouxeram mais malta da cidade, os chefes, e eles disseram aos agricultores, olhem, gostamos do que fazem e queremos ajudar-vos, por isso vamos ter que vos taxar, agricultores de espinafres e lacticínios, mas em troca vamos proteger-vos dos criadores de gado que vivem a três vales daqui. E também faremos muitas outras coisas, como fazer escolas para as vossas crianças e ensinar-lhes sobre o mundo, oh e vamos ensinar-lhes a nossa maneira de falar, é mais ou menos a vossa maneira de falar mas melhor e mais oficial, estão a ver? Até escrevemos em papel. Temos bibliotecas inteiras com a nossa língua. O que é que vocês têm? [Podcast World in Words]

“Este mundo e o outro, é isto que nos oferece *Despertar da Primavera, uma Tragédia de Juventude*. Esta expressão vernácula, que, em primeiro lugar, nos diz sobre a maioridade do espetáculo (que é muito maior que qualquer maioridade que a diga), serve também para falar da forma como nele se destroem lugares-comuns sobre o outro, essa alteridade-norma (con)figurada no contemporâneo que mostra a violência de géneros e os géneros como violência. Um despertar de quem sabe que a identidade só acontece no campo da representação e de que a representação produz realidade. Este mundo e a outra, é isto que nos oferece *Despertar da Primavera, uma Tragédia de Juventude*.” [Ana Cristina Cachola]

What we know, things to know, this is what.



“Poderia dizer tudo... poderia dizer-se tudo sobre esta peça... sobre esta obra de arte, porque contém tudo o que é essencial para entender o amor, a morte, o desejo, a desilusão, o sexo, o poder, a diferença, o político, o físico, a voz, e mais mil conceitos que cada pessoa pode descobrir ao assistir, ao experienciar, ao deixar-se invadir e, assim, abrir para uma nova percepção da realidade que nos rodeia. Diria que a peça *Despertar da Primavera* é uma das mais importantes obras de arte criadas na última década.” [Vasco Araújo]

Resulta melhor em 140 caracteres, mas eu pedi a toda a gente máximo 120 PALAVRAS. Agora vais-me obrigar a revelar isso.

“Do *Despertar* sai com a cápitais em croma verde, o que é ótimo para lá caberem todas as choses deste mundo. E uma



vez na cápitais, é só deixar o mundo deslizar pelo resto do body. Cento e vinte caracteres para quê, se Amor resumiria tudo?” [Joana Manuel]

This will make you.

“Talvez seja o amor a maior lição da 1, 2, 3, vida... 4, nem todos terão a sorte de o compreender e/ou mesmo conquistar. Será que todas as histórias de 1, 2, 3, amor têm um final feliz?” [Horácio Frutuoso]

Que email tão formal... :P Vi, claro. E vou tentar, sim! Depois disto vais ter que arranjar maneira de dizer isto mesmo (da maneira que quiseses!), fico a aguardar!

“Curto-circuito. O contrário de amor é horrível? A última imagem que os Praga nos deixaram, na obra realizada antes do *Despertar da Primavera*, foi a de um ovo gigante: ex ovo omnia, ou seja, no fim, o início de tudo. Acabar para começar. Obriguei o meu namorado – eu sei, convenção –, que já não é, e é, deixa de ser e continua a ser, a ir. E, minutos antes, discutimos muito. Ele não queria ir. Foi. Chovia muito. *Despertar da Primavera*, como todas as histórias de amor, é uma coisa velha, velha, velha... sobre jovens, jovens, jovens – acabar para começar. E foi avassalador – avassalador na medida em que uma overdose de cor-de-rosa permite. E permitiu tudo: não há, ainda, palavras, sistemas linguísticos, estruturas que consigam descrever... o tanto que (o) vos amo. E amo-vos porque, ao explorarem criticamente os protótipos dominantes de um modo de pensar, dão a ver a crueldade das patologias da linguagem dominante, sem perseguição. Ai o amor! Exercício de liberdade, despertar implica TRANSFORMAR, criar espaços, esvaziar e fazer explodir velhos edifícios consolidados, verdades, repensar os corpos e pensar por si próprio, pensar no lugar do outro e cogitar sempre de modo consequente, sem nos esquecermos que estamos sempre em crise. E ser livre é despertar para a beleza dessa possibilidade crónica de crise. Eu e o meu (ex?) namorado estamos sempre em crise. E acabámos de começar, ainda presos na convenção.” [Pedro Faro]

Adoro quando me dão esta liberdade, e eu coloco esta coisinha extra e deixo tudo como estava. Olá Susana, ficou assim.

Depois diz-me se achas bem. Podes cortar, reformular, fazer o que quiseses: #Despertar da Primavera.

“Com *Despertar da Primavera*, o Teatro Praga transforma um clássico em algo que é muito mais do que contemporâneo. Dos clássicos diz-se que são intemporais, ou seja, de tempo nenhum. Dos contemporâneos diz-se que são do nosso tempo. Mas esta peça é outra coisa: pela linguagem completamente inventada, pelos atores que recriam a juventude em vez de se limitarem a interpretá-la, pela encenação que não nos deixa assentar, esta peça é de todos os tempos. Do passado mais primevo. Do futuro mais longo. De hoje. De ontem. De muito depois de amanhã. Daquilo que já esquecemos. Daquilo que nunca chegaremos a ver. E, no entanto, vemos.” [Rui Tavares]

“Há espetáculos onde entramos sem saber como vamos sair. Parece que ficamos ali durante aquele tempo, mas estamos de facto noutro lugar, para lá do nosso mundo, do nosso tempo, do nosso corpo. Aconteceu-me isso – entre tantas outras coisas – ao ver *Despertar da Primavera* dos Praga no CCB. Aquele espetáculo – ainda por cima com aquela língua nova que inventaram – já não é só ‘teatro’, porque não é exatamente nada que caiba numa palavra que quiséssemos aplicar-lhe – e por isso mesmo é o que hoje mais me interroga, mais me suspende, mais me deixa sem chão onde poisar os pés ou a cabeça. Naquela noite de março pude ali assistir ao eclodir do novo – um fenómeno raro, mais raro do que se pensa.” [Fernando Pinto do Amaral]

Pode ser uma frase! Faz o que te apetece! Não tem claramente de ser “depoimento” clássico! Uso excessivo de pontos de exclamação.

“Botões de Rosa.” [João Pedro Vale]

Susana Pomba
Curadora e costureira writer

Despertar da Primavera, uma Tragédia de Juventude

*Frühlings Erwachen.
Eine Kindertragödie* (1891)
de Frank Wedekind

tradução
José Maria Vieira Mendes
desenho de luz
Daniel Worm D'Assumpção
desenho de som
Miguel Lucas Mendes
cenografia
Bárbara Falcão Fernandes
figurinos
Joana Barrios
com execução de
Rosário Balbi
direção de produção
Bruno Reis
produção executiva
Bernardo de Lacerda

interpretação
André e. Teodósio
Cláudia Jardim
Cláudio Fernandes
Diogo Bento
João Abreu
Mafalda Banquart
Odete C. Ferreira
Óscar Silva
Patrícia da Silva
Pedro Zegre Penim
Rafaela Jacinto
Sara Leite
Xana Novais

coprodução
Teatro Praga
Centro Cultural de Belém
Teatro Viriato
TNSJ
residência artística e antestreia
23 Milhas – Casa da Cultura de Ílhavo
apoio
Teatro Municipal do Porto

estreia **24Fev2017**
Centro Cultural de Belém (Lisboa)
dur. aprox. **2:15**
M/16 anos

Espectáculo em língua portuguesa,
legendado em inglês.

Teatro Nacional São João
13-23 julho 2017
qua+sáb 19:00
qui+sex 21:00
dom 16:00

Sessão com Língua
Gestual Portuguesa
16 julho 2017
dom 16:00

O texto do espetáculo pode ser
encontrado numa edição do Teatro
Praga à venda no foyer do TNSJ.

O TNSJ é membro da

ficha técnica TNSJ
produção executiva
Mónica Rocha
assistência de produção
Maria do Céu Soares
direção de palco
Emanuel Pina
adjunto do diretor de palco
Filipe Silva
direção de cena
Pedro Guimarães
luz
Filipe Pinheiro (coordenação)
Adão Gonçalves
Alexandre Vieira
José Rodrigues
Nuno Gonçalves
Rui M. Simão
maquinaria
Filipe Silva (coordenação)
Adélio Pêra
António Quaresma
Carlos Barbosa
Joaquim Marques
Joel Santos
Jorge Silva
Lídio Pontes
Paulo Ferreira
som
João Oliveira
Joel Azevedo
operação de legendagem
Cristina Carvalho
LGP
Marisela Simões

apoios TNSJ



apoios à divulgação



agradecimentos TNSJ

Câmara Municipal do Porto
Polícia de Segurança Pública
Mr. Piano/Pianos Rui Macedo

Teatro Praga

Rua das Gaivotas, 6
1200-202 Lisboa
T 21 096 23 55
www.teatropraga.com

O Teatro Praga agradece a
Fernando Luís Sampaio
Nuno Carinhas
Luís Sousa Ferreira
Miguel Braz
Miguel Falcão Fernandes
Rui Pedro Carvalho
à Prado/Patrícia Portela
e Helena Serra
Griffe Hairstyle
João dos Santos Martins
Rádio Quântica/Inês e Marco
Bruno Bogarim
Cão Caleiro
Manuel Reis
Cristina Correia
Carolina Caramelo
João Pedro Vale e Nuno
Alexandre Ferreira/Bregas
Ângela Cardoso
Fátima Ferreira
e a todxs xs que fizeram
a audição, amígx e família

Teatro Nacional São João

Praça da Batalha
4000-102 Porto
T 351 22 340 19 00

www.tnsj.pt
geral@tnsj.pt

edição

Departamento
de Edições do TNSJ
coordenação João Luís Pereira
design gráfico Studio Dobra
fotografia Alípio Padilha
impressão Multitema

Não é permitido filmar,
gravar ou fotografar durante
o espetáculo. O uso de
telemóveis ou relógios com
sinal sonoro é incómodo,
tanto para os intérpretes como
para os espectadores.

